

O VERBO “METER”: DA ESTRUTURA PROTOTÍPICA ÀS EXTENSÕES SEMÂNTICO-COGNITIVAS

THE VERB “METER”: FROM THE PROTOTYPIC STRUCTURE TO THE SEMANTIC AND COGNITIVE EXTENSIONS

Isabella Venceslau Fortunato
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

RESUMO: Um dos grandes “choques” linguísticos entre falantes do PE (português europeu) e PB (português brasileiro) – para além das diferenças fonéticas e lexicais – é a maneira como cada variedade combina seus lexemas na formação de sintagmas verbais. Há uma tendência, nas línguas naturais, de fazer com que – a partir dessas combinações e da sua frequência de uso – essas adquiram certo grau de fixidez, tanto sintática como semântica. Isso explica como é possível que um determinado domínio cognitivo possa ser verbalizado por uma combinação específica de itens lexicais em uma variedade e que essa mesma sequência seja agramatical em outra, mostrando que traços semânticos podem ser ativados ou permanecer latentes, a depender das necessidades comunicativas de cada comunidade linguística. Partindo de um verbo específico como “meter”, observaremos como o PB e o PE utilizam o mesmo verbo para denominar domínios semânticos diferentes, mostrando que a combinação semântico-sintática do verbo com seus complementos apontam não só para uma diferença cultural, mas para uma distinção mais profunda, de natureza cognitiva, tanto na peculiaridade do recorte que cada um faz do mundo como na maneira de categorizar as informações dele extraídas.

PALAVRAS-CHAVE: semântica cognitiva; construções com verbo-suporte; verbos de movimento.

ABSTRACT: One of the great linguistic "shocks" between PE (European Portuguese) and PB (Brazilian Portuguese) speakers - besides the phonetic and lexical differences - is the way each variety combines its lexemes in the formation of verb phrases. Because of frequency of use of these combinations, there is a trend in natural languages to make them acquire a degree of fixity, both syntactic and semantic. This explains how it is possible that a particular cognitive domain can be verbalized by a specific combination of lexical items in a variety and that the same sequence is agrammatical in another variety of the same language, showing that semantic features can be activated or remain inactive, depending on the communicative needs of each language community. Starting from a particular verb as “meter” we will observe how PB and PE use the same verb to denote different semantic domains, showing that the semantic-syntactic combination of the verb with its complements point to a cultural difference, not only a cultural difference, but a deeper cognitive distinction, both in the peculiarity of the cut that each one makes of the world and on the way they categorize the information extracted from its existence and experience.

KEYWORDS: Cognitive Semantics; Support Verb Constructions; Verbs of Motion

INTRODUÇÃO

Quando os itens lexicais se unem para compor uma oração, cada um deles põe em evidência os traços semânticos necessários para dar as nuances de significado que o falante deseja. Se é verdade que cada item lexical tem seus traços inerentes, é a associação destes com os dos seus vizinhos que vai contribuir para o significado final e global da sentença. É por este motivo que é tão comum, frequente e linguisticamente produtivo que se formem expressões com diferentes graus de fixidez e que a junção destes itens adquira, com o tempo, com o uso e com o contexto, significados próprios.

No nosso estudo utilizaremos, como *corpus*, ocorrências dos jornais Público de Lisboa e Folha de São Paulo (disponibilizadas pelo banco de dados Linguatca) e temos dentre os objetivos, descrever – tomando como base o verbo “meter” – como essa associação de lexemas pode servir a verbalizar domínios cognitivos diferentes e, muitas vezes, não previsíveis. Mas antes de nos focarmos na análise específica do verbo “meter”, descreveremos a composição do movimento de uma maneira geral, a fim de termos as ferramentas necessárias para traçar a diferença de funcionamento do verbo “meter” no PB e no PE desde o seu uso prototípico até a formação de construções semifixas e com verbo-suporte.

1. Estrutura cognitiva e traços que constituem o “movimento”

Dentre as eventualidades do mundo representadas linguisticamente por verbos, podemos enumerar, ainda que não exaustivamente, os tipos em que são classificados os verbos na literatura: Movimento físico (com ou sem deslocamento), Estado/Condição, Percepção, Cognição, (transferência de) Posse, Comunicação, Fenômenos Naturais, entre outros¹. Difícil é traçar uma linha divisória entre as classes que não seja passível de interseções e regiões nebulosas.

No âmbito dos verbos de movimento, há diferentes subtipos que ganham configurações sintáticas diferentes em função da estrutura conceitual deste e dos elementos que a compõem. Podemos pensar em movimentos que o Sujeito [+ ANIMADO] executa com o próprio corpo, de corpo inteiro, com ou sem deslocamento (*correr* e *balançar*, respectivamente), ou somente com partes do corpo (*acenar*), movimentos com deslocamento de um Objeto que não seja inalienável ao Sujeito (*pegar*). O movimento pode ser voluntário ou involuntário (*acertar* pode ser os dois), com controle ou sem (*escrever* e *espirrar* respectivamente). O verbo, a depender da sua estrutura léxico-conceitual, pode focar um ou outro elemento que constitui a eventualidade, “ignorando” outros que não sejam fundamentais na verbalização, por exemplo, num movimento com deslocamento de um Objeto, não lexicalizar o Ponto de partida ou o de chegada (*atirar*).

Tratando especificamente desta classe de verbos, que é o nosso objetivo nesta seção, uma eventualidade de movimento, segundo Talmy (1985, p. 60-65), é qualquer situação que envolva movimento ou manutenção de uma locação estacionária (“*move*” ou “*be located*”) de um Objeto conceitualmente móvel (**Figura** – *Figure*, na nomenclatura de Talmy) sendo posicionado em relação a outro Objeto de referência (**Fundo** - *Ground*), ao longo de um Percurso (**Trajectoria** - *Path*). São também elementos constitutivos do movimento o *Manner* (**Modo** de ação) e *Cause* (Causação/**Causatividade**), mas considerados pelo autor como externos ao mesmo e, por este motivo, secundários. Esses elementos, todos inerentes à idéia de movimento em si, lexicalizam-se de maneira diferente segundo o tipo de língua, podendo manifestar-se através dos traços semântico-lexicais do próprio verbo, por sintagmas na função de argumento ou adjunto ou ainda por satélites, como acontece em algumas línguas como o inglês.

O movimento, independentemente de ter Trajetória ou não, tem uma direcionalidade própria, ou seja, pode centrar-se no Sujeito ou em um Objeto. Em relação ao Sujeito devemos distinguir o Sujeito sintático, que é o argumento externo, posicionado na margem esquerda da oração e o Sujeito conceitual que é o participante que é a origem do movimento, no nosso caso. Por outro lado, chamaremos de Tema, o Objeto conceitual, aquele participante que não tem controle e de argumento interno a posição argumental logo à direita do verbo. Por Objeto entenderemos um Objeto concreto, algo que o indivíduo possa manipular.

Vamos considerar dois subtipos de eventualidades de movimento: as intransitivas e as transitivas, não no sentido sintático destas palavras, mas no sentido cognitivo: o evento intransitivo é aquele que se encerra em um único participante. Este pode ser o Sujeito, aquele que age ou que tem (ou pode ter) controle da ação, já que é [+ANIMADO]. Mas esse participante pode também ser o Tema, que não tem controle, mas, tal como uma definição de Figura, é um

¹ Sobre propostas de classificação ver JACKENDOFF, 1990; LEVIN, 1993; VAN VALIN, 1993; DOWTY, 1979)

Objeto localizado ou que se move em relação a outro. Um exemplo dos dois tipos de participantes pode ser “*A Mônica gritou*” e “*A pedra rolou*”: os verbos pedem um único argumento, sintaticamente falando, e cognitivamente, podemos ver que temos somente um participante. No primeiro “a Mônica” age, com controle, enquanto no segundo, “A pedra” é Tema.

Em uma eventualidade transitiva, a ação pede pelo menos dois participantes, dos quais um “age” sobre o outro. Age não no sentido de ser Agente, mas de que o evento incide de um participante 1 para um participante 2, como se a eventualidade em si tivesse uma “direcionalidade” abstrata. O foco aqui é um Tema, normalmente um Objeto concreto, como em “*O Eduardo chutou a bola*”. A bola sofre uma mudança de lugar, de um ponto A para um ponto B, o movimento é feito por um Sujeito Agente que efetua a ação com o pé. Esta é uma informação muito clara e lexicalizada no verbo “chutar”.

Esse tipo de abordagem será interessante para melhor entender, caracterizar, e, se possível, traçar um esquema com as possíveis estruturas léxico-conceituais do verbo “meter” desde a mais prototípica até as eventualidades que este é capaz de recobrir no âmbito do discurso e da comunicação, em função da tomada de atitude pelo Sujeito, no campo cognitivo, da percepção, do sentimento, e na localização abstrata.

1.1 Estrutura léxico-conceitual: recategorização do “meter” para a denotação de novas eventualidades

A nossa análise dos dados resulta do cruzamento entre os principais campos semânticos cobertos pelo verbo “meter” e a estrutura argumental e temática do verbo e da expressão; ou seja, observamos quais os sintagmas que adquirem centralidade na predicação, à medida que o significado se afasta do significado prototípico.

Em uma primeira observação, constatamos que o verbo “meter” pode recobrir eventualidades em que há movimento concreto de um objeto que é deslocado de um ponto de partida, por um ser humano agindo intencionalmente, para um ponto final que represente um lugar que disponha de uma parte interior. As expressões com o verbo “meter” partem dessa configuração prototípica para alargarem o seu significado até domínios mais abstratos, em que, tanto sintaticamente como semanticamente, esse valor se perde.

A configuração léxico-conceitual de uma dada eventualidade estabelece a estrutura temática e, conseqüentemente, a argumental de um determinado verbo pleno, o qual permitirá que determinados sintagmas preencham esta estrutura. À medida que as expressões se fixam e que a compatibilidade entre os traços semânticos do verbo e destes argumentos se torna mais estreita, a expressão, como um lexema único, passa a selecionar semanticamente outros argumentos para dar conta da nova estrutura formada.

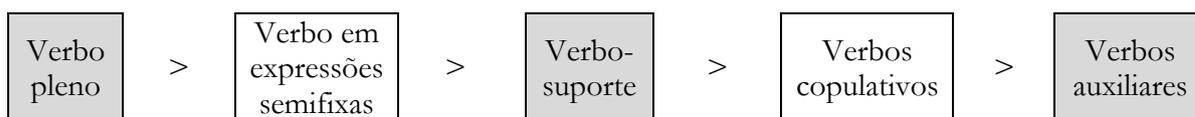
O “meter” pleno apresenta três argumentos, dois internos (um preenchido por um Sintagma Nominal, na função de Objeto Direto, e outro por um Sintagma Preposicional na função de Locativo) e um externo, o Sujeito. Quando ocorre a fixação dos seus elementos, há três possibilidades: a fixação dos dois internos, formando uma expressão fixa, bem como podemos ter a fixação de um único argumento, restando o outro em aberto e sendo selecionado pela expressão formada com a fixação dos outros dois. Centrar-nos-emos nas expressões que fixam um só argumento e veremos que os processos de fixação sintática, semântica e conceitual são diferentes. Apresentaremos os dados coletados mais à frente, na seção 3.

2. Construções com verbo-suporte

Qualquer verbo, inclusive os de movimento que aparentam ter uma estrutura cognitiva tão concreta, está passível de formar expressões mais fixas, tanto do ponto de vista semântico como do sintático, sofrendo uma reconfiguração na sua estrutura léxico-conceitual e sintática,

passando, neste processo, por uma aparente perda semântica, consequência de uma transferência do centro predicativo do próprio verbo para outros elementos, como o nome. Analisaremos, na presente seção, como isso acontece, a fim de verificar como o verbo “meter” se comporta ao passar por este processo tão produtivo linguisticamente.

Ao tratarmos da estrutura interna das CVSup, procuraremos descrever os elementos que a compõem, as mudanças que sofrem em relação à construção que lhe deu origem. A contribuição semântica do sintagma nominal (doravante SN) será fundamental neste processo de fixação, sobretudo a dupla função que o substantivo assume na expressão: de definir a área temática da expressão e dar informações sobre aspecto e *aktionsart*².



Assumimos que o verbo passa por um processo de gramaticalização – e consequentemente de “perda” semântica (*bleaching*) – encontrando-se, portanto, em relação ao seu verbo pleno correspondente, destituído de alguns dos seus traços semânticos originais, sobretudo a capacidade de atribuir o papel semântico de locativo ao seu argumento interno, tornando-se essencialmente um veiculador de informação aspectual e de estado de coisas, além das informações gramaticais de modo, tempo, número e pessoa (PLAZA, 2005, p. 12).

O substantivo que funciona como núcleo do sintagma nominal será o lexema responsável pela predicação da estrutura inteira. Com esse processo de transferência, ele deixa de exercer sua função prototípica de referência, ou seja, designação de objetos e entidades do mundo extralingüístico, adquirindo a dupla função de transmitir informações sobre a área temática e as de estado de coisas (ATHAYDE, 2001, p. 38-40), mas é ele, como núcleo da predicação, que será responsável pela atribuição de um papel temático.

O SN, sendo agora o centro da predicação, será responsável pela abertura de espaços vazios a serem preenchidos pelos argumentos da construção inteira, portanto, à medida que a CVSup vai se tornando mais fixa, o SN deixa de ser argumento do verbo passando a parte inerente deste e seus complementos serão complementos da estrutura inteira. Sofrem, por consequência do processo de transferência da função predicativa e da gramaticalização do verbo, uma abstratização o que corrobora com a sua nova função valencial.

O processo de fixação sintático-semântica se dá, portanto, em dois níveis interrelacionados:

(i) Sofrendo ou não mudança sintática, a combinação verbo + parte nominal torna-se, por força do uso, uma expressão única correspondente a um verbo. A aceitação e a institucionalização por parte do falante será feita de forma arbitrária, por isso estamos diante de um fenômeno de lexicalização (PLAZA, 2005, p. 174). A depender do grau de repetição por parte do falante essa fixação sintático-semântica aumenta, trazendo consigo mudanças na expressão como um todo. À medida que a fixação aumenta, as possibilidades de combinação e de variação sintática diminuem e a parte nominal deixa de ser um argumento do verbo para ser parte inerente deste (ATHAYDE, 2005, p. 38).

(ii) Mudanças acontecem também no plano semântico: o verbo sofre perda do seu sentido concreto original de denotar espaço e movimento, passando por contínuas abstratizações que advêm da própria natureza do espaço e do movimento, pois são facilmente suscetíveis de serem

² Por *aktionsart*, o vocábulo alemão para aspecto lexical, entendemos o estado de coisas da situação descrita, a combinação de informações de tempo, aspecto e modo de ação.

reinterpretados com significados da esfera da cognição, da emotividade, do tempo, entre outras. A expressão pode se fixar sintaticamente ou não a depender do seu uso.

Ao nosso ver, e os dados nos confirmam isso, a transferência de predicação não será suficiente para definir as CVSup, já que, a depender da natureza do nome – abstrato, concreto, eventivo – a contribuição do verbo muda, bem como os processos que subjazem à formação da expressão. O desafio é saber delimitar com precisão se esta mudança de significado é apenas uma conseqüência da metaforização do conceito primeiro do espaço e do movimento ou se é realmente resultado de um processo de fixação em que a expressão como um todo caminha para a lexicalização. Falaremos melhor desta diferença na seção 2.2.

2.1 Construções com Verbos-Suporte: delimitação face a outras construções

Como vimos na seção anterior, o grau de fixação sintático-semântica das CVSup está entre o da combinação livre e o da fraseologia verbal. Nesta última categoria, verbo e parte nominal estão lexicalizados ao ponto de não favorecerem a intercalação de elementos no seu interior e seu significado não corresponde a soma dos significados dos seus componentes. Na combinação livre do verbo pleno com seus argumentos, os espaços vazios abertos pelo predicado verbal podem ser preenchidos por elementos que estão em relação paradigmática entre si e que constituem uma classe aberta, na qual os falantes podem escolher aquele que mais lhe apraz e que melhor expressa a idéia que quer transmitir. Essa combinação será livre desde que sejam respeitadas as “regras”³ sintáticas da própria língua.

Para Duarte (2003, p. 311) os verbos que formam a CVSup – por ela chamados “verbos leves”) – são *dar, fazer e ter*, os quais possuem traços gerais e são, por este motivo, polissêmicos, podendo-se combinar com uma extensa gama de itens lexicais e, através dessa combinação, adquirir os mais variados sentidos. As autoras apresenta os seguintes exemplos:

- (1) *O João deu uma contribuição decisiva para o debate.*
- (2) *A Maria fez imensas queixas aos amigos.*
- (3) *Eles têm bastante influência na comissão.*

A substituição dessas estruturas por verbos correspondentes – normalmente com a mesma base lexical –, é usada como critério de identificação das mesmas, como podemos observar no seguinte exemplo extraído da Gramática supracitada:

- (4) *O João contribuiu decisivamente para o debate.*

Mas alguns autores⁴ reconhecem que este não deve ser um critério categórico por diversos motivos, entre os quais: (i) a estrutura argumental do verbo correspondente pode não ser igual à estrutura da CVSup como acontece em:

- (5) *Pedro dá um abraço em Maria*
Pedro abraça Maria

em que o tema da ação expressa pelo verbo é representado no primeiro exemplo por um SP com função de objeto indireto e no segundo por um SN com função de objeto direto; (ii) o significado da expressão tem matizes de significado não presentes no verbo correspondente como *amar* e *fazer amor*; (iii) fazendo um estudo comparativo com outras línguas podemos verificar que a maneira como cada uma delas recorta e verbaliza a realidade é determinante para a

³ “Regra” entendida aqui não no sentido normativo do termo, mas como a estrutura do sistema da língua em questão.

⁴ Cf. PLAZA (2005, p. 147-163); ATHAYDE, (2005, p 45); MATEUS (2003, p. 311).

existência ou não dessa correspondência: *entrar em pânico* e *to panic* (do inglês); (iv) ou até mesmo no âmbito de uma mesma língua, podemos ter uma falsa correspondência como no caso de *dar o peito* (amamentar) e *peitar*; (v) ou uma correspondência com bases lexicais diferentes: *vir ao mundo* e *nascer*. Mesmo reconhecendo estas diferenças sintático-semânticas, o fato de que a expressão funciona e é armazenada como um único lexema é um importante indício de lexicalização.

2.2 Verbos-suporte e verbos em expressões semifixas

Entretanto, a diferença de que trataremos aqui é aquela entre o verbo de expressões semifixas e o verbo-suporte. Este último, assumiremos aqui, é aquele que se combina com N eventivos/abstratos, transferindo para estes suas propriedades predicativas. A seleção semântica e a atribuição de papel temático fica a cargo do predicador, neste caso, o Nome. Diferentemente, os verbos que se combinam com nomes concretos e que passam a funcionar como um lexema único, formarão uma expressão que, como um todo, sofrerá um processo de metáfora ou metonímia, a partir do seu significado original. A estrutura argumental se mantém, os papéis temáticos continuam sendo atribuídos pelo verbo e a fixação se dá junto com a recategorização dos domínios cognitivos. A partir desta fixação será possível que os elementos (verbo e nome) em conjunto atribuam papéis temáticos e selecionem semanticamente novos argumentos que fiquem em aberto. Isso significa que a expressão passa a ser o predicador, não somente o nome, ou seja, aqui há transferência da predicação do verbo para a expressão e não somente para o nome.

Os substantivos que formam as CVSup são eventivos ou abstratos: estes últimos são definidos na gramática tradicional como “nomes que não possuem existência autônoma”, em outras palavras apresentando uma “dependência ontológica: para poderem referenciar necessitam de um suporte ou de um argumento” (RIO-TORTO; ANASTASIO, 2004, p. 213).

Os eventivos não são necessariamente deverbais, mas as entidades que designam possuem limites temporais e podem ser acompanhadas da preposição “durante”. Elas podem também designar acontecimentos em objetos concretos (*governo, tratamento*). Outro teste para sua identificação é verificar se podem exercer a função de sujeito de “ter lugar” ou objetos de “presenciar”. Embora nem todos os substantivos que integram as CVSup sejam eventivos, sua informação semântica os aproxima, do ponto de vista aspectual, dos verbos, por este motivo, dizemos que esta classe é bivalente.

3. “METER” prototípico: verbo de movimento

Embora nosso objetivo principal seja trabalhar com expressões que se afastem da construção composicional, nos dados encontrados, coletamos alguns exemplos efetivos do “meter” para servir de cotejo nas comparações das estruturas que nos propusemos analisar: as fixas, as semifixas e as construções com verbo-suporte, sobretudo porque algumas delas apresentam um correspondente transparente e composicional.

O exemplo (6) é uma expressão com significado prototípico para que possamos, a partir dela, observar as mudanças semântico-cognitivas ocorridas. Nas expressões que analisaremos, veremos que o protótipo apresenta um sujeito controlador, [+HUMANO] e que age intencionalmente, sendo, portanto, o evento designado [+CAUSATIVO]; o Argumento Interno é um Objeto Concreto e o Locativo tem uma cavidade interna que será o ponto final do deslocamento deste objeto. Lembrando que as suas características físicas devem ser compatíveis entre si, ou seja, o Locativo deve comportar, em tamanho, forma, material, etc, o Objeto.

No que diz respeito à decomposição do evento prototípico nos subeventos que o compõem, o enfoque é no ponto final do *accomplishment* e no estado subsequente, no qual o Objeto estará alocado no lugar em questão.

(6)

- a. [P940312-005](#): *Meti as contas já pagas no bolso, as mãos trêmulas, sai cambaleando do guichê.*
- b. [P940420-147](#): *Ao fim da tarde, o polícia metia o apito no bolso, fechava a sombrinha e rolava o estrado para um canto.*

Mas logo os exemplos começam a se afastar desta estrutura original: *meter algo no lixo* não é simplesmente deslocar um objeto de lugar, mas esse objeto tem que ter o traço “+descartável”, e a ação como um todo designa o descarte deste mesmo objeto, não simplesmente a mudança de lugar, pois o ponto final do deslocamento é um lugar específico.

- (7) [P940828-068](#): *Quando bastava esticar o braço para meter o papel no lixo.*

Meter no correio, assim como a anterior, é uma expressão em que a função do locativo vai além de indicar um lugar, mas a ação que neste lugar ocorre: *meter uma carta no correio* é enviá-la para algum lugar, independentemente de se ter ido a uma estação de correio ou de tê-la depositado em uma caixa postal, por exemplo.

(8)

- a. [P941014-119](#): *Foi em Genebra, onde tem, com o irmão Alian, uma empresa de óculos e fatos de neve, que Patrick Vuarnet meteu no correio as cartas de despedida dos membros da seita, onde anunciavam que iam em trânsito para o futuro.*

As expressões *meter na cadeia* e *meter na prisão* podem ser interpretadas de duas maneiras: (i) um sujeito colocando, de fato e literalmente, outro indivíduo numa cela ou (ii) como um sujeito dando voto de prisão a outro e fazendo com que ele tenha que ser conduzido à prisão.

(9)

- a. [P940617-155](#): *Depois dos problemas que houve em Itália, sobretudo com os negócios escuros que envolveram estruturas do Mundial ou realizadas para o Mundial -- o processo Mãos Limpas já meteu diversos responsáveis na cadeia -- este Novo Mundo é uma bênção do céu para a FIFA.*
- b. [P940323-061](#): *Não só conseguiu que a Polícia o libertasse, podendo viajar tranquilamente para Bagdad no dia seguinte, como logrou meter os cúmplices todos na prisão para o resto da vida.*

A ocorrência (10) a seguir, do português brasileiro, tem uma parte do corpo do sujeito na posição de objeto direto e um objeto sem cavidade interna no sintagma preposicional. A expressão como um todo representa uma ação em que o sujeito “agarra” bruscamente (traço *Manner*) este objeto. Percebe-se que, embora continue se tratando de um movimento tangível, com deslocamento, o *frame* muda, pois o SP não representa mais um Locativo-container, mas um Objeto.

- (10) [F940701-106](#): *Ele vem aqui e mete a mão no microfone assim, tum, abre e fala.*

3.1 “METER” em construções semifixas

Como dissemos na seção 2, nas expressões semifixas temos o verbo formando uma expressão única com um de seus argumentos e deixando o outro “em aberto”, mas atribuindo a ele papel temático bem como exercendo sobre ele seleção semântica.

(11) METER A MÃO [EM___]

A expressão “*meter a mão em algo*” pode ter vários significados e quem vai dar o domínio cognitivo em que poderemos encaixar o significado final da construção é o Nome que constará como núcleo do SP e, de um ponto de vista mais geral, o contexto. No primeiro caso, “*meter a mão em algo de valor*” e que não pertença ao Sujeito significa “roubar”. “*Meter algo no bolso de alguém*”, como veremos adiante, também pertence ao mesmo domínio, compartilhando, com esta expressão os mesmos participantes e a mesma estrutura conceitual.

- a. [F941109-017](#): Não *meti a mão em dinheiro* de ninguém para estar sendo exposto dessa maneira, como se estivesse na época da Inquisição, disse o dono da Constran.

Também de uma maneira muito semelhante à expressão *meter no bolso*, como veremos adiante, no sentido de “ganhar”, “faturar”, mas com um quê de “garra” a mais.

- b. [F941010-057](#): E assim segue o Palestra: com um certo tédio, vai somando as vitórias necessárias, mesmo que seja de 1 a 0, à espera da hora de *meter a mão na taça*.

“*Meter a mão*” em alguém ou em alguma parte do corpo de uma pessoa tem esse traço de agressividade: (i) o sujeito é aquele que bate, (ii) na posição de objeto direto temos o membro com o qual essa pessoa vai bater, sendo a mão o objeto direto, podemos dizer que a ação é “dar um tapa”, “estapear”, (iii) no sintagma preposicional podemos ter ou não o lugar específico do tapa, ou então a pessoa que o vai receber. Assim como os outros casos em que aparece o traço *Manner*, a expressão nesta acepção é típica do PB.

- c. [F940122-025](#): Quando cheguei e ia subindo para o segundo andar ele ia descendo e ele *meteu a mão em mim*.
- d. [F940724-093](#): Se Branco não tivesse recorrido ao expediente de *meter a mão* na cara de um, depois no peito de outro e se atirado para o juiz marcar a falta que ele mesmo converteu em gol da vitória, quem pode garantir qual seria o resultado final?

(12) METER O PÉ [EM___]

Expressão tipicamente brasileira, “resgata” o traço “violência/agressividade” típica desta variedade. O Locativo não é interno e representa um objeto concreto. O evento também é concreto, físico, mas o que contribui de maneira relevante para a significação final é a junção deste traço + o objeto direto “pé” que nos diz com que parte do corpo foi feito o movimento. A ação é equivalente à de “chutar”, dando a expressão uma intensidade maior do que o verbo correspondendo, informação esta que só pode ser apreendida contextualmente. O “objeto do chute” será representado no sintagma preposicional, pelo qual, usualmente, como vimos até aqui, é expresso o Locativo.

- a. [F941021-064](#): Ninguém *meteu o pé na porta das casas* e foi atirando.

No caso da expressão (b), *meter o pé na Europa*, o Locativo não apresenta cavidade interna e passa a ser superficial e/ou um locativo externo, como podemos ver a seguir, embora continue sendo possível “resgatar” o movimento original. Sendo o Locativo aberto para qualquer localização geográfica, *meter o pé em determinado lugar* é acabar de chegar neste lugar. Evidenciemos a forte marca aspectual do verbo nesse tipo de construção:

- b. [P951210-047](#): A capoeira -- arte do ritmo e da ginga afro-brasileira, que nasceu na Bahia no tempo da escravidão, *mete o pé na Europa* e afirma-se em Lisboa com a presença de mestres brasileiros, empenhados em projectos culturais e sociais nas comunidades.

(13) METER [___] A BOCA [EM___]

Como veremos a seguir, “boca” tem uma gama de possibilidades de extensão semântica, nesse caso, acrescenta-se o traço agressividade do verbo “meter” no PB, o significado de *falar mal de algo* ou *de alguém*. Atrélada à [+agressividade] do verbo, temos a presença de lexemas de conotação negativa como “nariz empinado”, “protestar”, “incauto”.

- a. [F950206-105](#): Sempre que leio alguém falando com o narizinho empinado de cultura de videogames ou *metendo a boca em filmes* inspiradas em videogames, fico superfeliz.
- b. [F951115-101](#): Os torcedores reuniam-se à porta do clube para protestar; os cronistas *metiam a boca no dirigente incauto*.

(14) METER O PAU [EM___]

Embora o nome seja concreto, o significado final da expressão insere-se no domínio cognitivo da fala e, como é comum ao uso deste verbo no português do Brasil, adquire, como a anterior, o traço negativo de “falar mal”.

- a. [F940522-018](#): *E hoje precisa meter o pau no Lula, a contragosto a polarização dos dois é o mecanismo para manter o Quêrcia longe.*
- b. [F940307-156](#): *Outro que não vai ter dificuldades em meter o pau na violência que toma conta do esporte é o corintiano Rodrigo Sacomani Leite, 14.*

(15) METER A UNHA [EM___]

Essa expressão, típica do Português Europeu, tem o significado de “pegar”, “agarrar”, “tomar para si”. O traço [+POSSE] fica evidente e é reforçado pela escolha da “unha”, em vez da “mão”, quase que lembrando as garras de um animal.

- a. [P940426-157](#): *Há os que -- a vasta maioria -- se adaptaram humildemente às vantagens económicas do apartheid e nunca meteram uma unha na política, nem sequer em anteriores votações reservadas a brancos.*
- b. [P941201-095](#): *[...] falas mais reservadas entre políticos, advogados famosos e homens de negócios sempre preocupados em meter a unha nos processos de decisão da democracia norueguesa.*

(16) METER AS CARAS [EM___] / METER OS PEITOS [EM___]

Meter as caras é uma expressão tipicamente brasileira na qual observamos uma metonímia: a “cara” representa a parte mais exposta do corpo humano, por isso a expressão tem esse significado de expor-se, sem medo, sem receios, para a realização de alguma atividade. Formalmente ela pode ser intransitiva ou ter um sintagma preposicional representando o evento alvo, no qual esta “coragem” será depositada.

- a. [F951204-071](#): *É só meter as caras, Corinthians.*
- b. [F950209-087](#): *Jovens e bonitos, que metem as caras em qualquer desafio e, claro, em romances inesperados.*

“*Meter os peitos*” é uma variação de *meter as caras* na qual podemos acrescentar um traço de [FORÇA], além da coragem e da exposição da expressão anterior.

- c. [F950109-063](#): *Com a experiência bem-sucedido como empresário na área do marketing esportivo, Kleber mete os peitos na construção de um Flamengo poderoso dentro das quatro linhas.*

(17) METER O NARIZ/A COLHER/O BEDELHO [EM___]

O “nariz” é a parte do rosto mais protuberante, adquirindo, através de um processo metonímico, um significado de intrometimento: ao olhar algo (que normalmente não nos diz respeito) muito de perto, automaticamente o nariz toca esse “alguma coisa” de maneira invasiva. Metaforicamente, podemos transpor uma situação parecida com esta para o domínio mais abstrato do discurso (*meter o nariz em algum assunto*) e dos eventos (*meter o nariz numa conversa*), em que faria sentido alguém se intrometer.

- a. [P950326-080](#): *Tudo garantido pelo Estado, que, em contrapartida, não tem o direito de lá meter o nariz.*
- b. [P940919-099](#): *Não meto o nariz em questões financeiras. "*
- c. [P941013-121](#): *Se o assunto que levou ali o actor foi a publicação da sua autobiografia, poderá pensar-se que está a dizer ao Larry King para ele não meter o nariz onde não é chamado.*

Variações semanticamente mais opacas do que *meter o nariz*, são as expressões (d) a (e) que têm o mesmo significado da anterior:

- d. [F940917-025](#): *Quando o governo mete a colher, o processo acaba mal.*

[F950219-141](#): [...]Jurandir Freire Costa, que nos últimos anos vêm usando o arsenal teórico de Sigmund Freud para *meter a colher em assuntos* que até há pouco eram exclusivos de sociólogos, antropólogos e críticos literários.

[F940603-092](#): A rigor, o intelectual é aquele que *mete a colher onde não é chamado*.

e. [F941228-064](#): Quanto menos o governo *meter o bedelho*, melhor.

[P940526-063](#): Não apreciamos lá muito que outros *metam o bedelho nos nossos assuntos internos* mais delicados, confiou à agência Reuter um diplomata da Europa Central, mas sabemos que este é um obstáculo que vamos ter de saltar para um dia entrar na UE. "

[F940106-155](#): Através deles desfila o século, testemunhado pela consciência alerta, irônica e compassiva desse católico de esquerda que sempre *metia o bedelho onde não era chamado*.

(18) METER ÁGUA EM [___]

Para a expressão “*meter água*” encontramos no *corpus* tanto a expressão no seu uso concreto e como ocorrências com um significado já abstratizado por extensão semântica. O esquema cognitivo desta expressão é interessante, pois constitui um dos casos de construção não-causativa dos dados.

a. [P940102-093](#): Os aparelhos tiveram que operar no meio de fortes ventos para retirar as pessoas do Monte Stello, um navio de carga e de transporte de passageiros que sofrera um rombo e estava a *meter água*.

b. [P940113-097](#): Em consequência do embate, o barco ficou a *meter água* pela proa.

Quando algo está *metendo água*, seja um barco, um navio ou um túnel, é porque as coisas estão funcionando mal: ou um cano partiu-se, ou está com uma fuga de água e corre perigo de afundar ou inundar o local. A partir desse evento (mais precisamente da consequência do evento), constrói-se metaforicamente esse significado abstrato da expressão, na qual o sujeito deixa de ser concreto, assim como a água, passando a representar um evento em que uma entidade ou um evento “dá errado”, “corre mal”.

c. [P941203-148](#): O banco *meteu água*, ao que diz, no mercado das PME e, por isso, terá que assumir elevadas perdas no final do actual exercício.

d. [P950205-011](#): *Waterworld*, o filme mais caro alguma vez realizado em Hollywood *mete água* por todos os lados.

(19) METER [___] NO BOLSO

“*Meter algo no bolso*” apresenta uma gama extensa de significados, a depender do contexto e dos Nomes que figuram como Argumento Interno. Temos primeiro uma série de ocorrências que apresentam o “bolso” como Locativo, mas que têm um sentido distinto do original, prototípico, que apresentamos anteriormente⁵:

Como vimos anteriormente, em (11), com quantias de valor na posição do objeto e entidades, na sua maioria administrativas, como sujeito, adquire o sentido de “roubar”⁶:

a. [P950102-036](#): A supressão dos subsídios e depois o bloqueio económico imposto por Moscovo começaram a provocar a erosão do seu poder e o empobrecimento da população, enquanto as mafias tchetchenas iam ganhando mais poder e *metendo ao bolso os rendimentos do petróleo*.

Caso o objeto e o sujeito mudem para um prêmio e o ganhador deste prêmio, o sentido muda para “ganhar”, “faturar”. É preciso dizer que o sujeito aqui deixa de ter o traço [+intencionalidade]:

b. [P940906-094](#): E, mesmo que amanhã venha a *meter mais um Grammy no bolso de Jarreau*, não passará de mais uma história da pequena história.

⁵ Reproduzimos o exemplo (9).

⁶ Cfr. os exemplos (22-23) *meter a mão no bolso* e (49) *meter a mão* com a mesma Estrutura Léxico-Conceitual.

Quando o objeto é abstrato e denota uma qualidade, o domínio é o das atitudes. Essa qualidade/decisão precisa ser escondida, guardada, por isso “no bolso”.

- c. [P940412-176](#): *A própria Grã-Bretanha, depois da intransigência inicial, lá meteu o orgulho no bolso e retomou as reuniões no grupo de ligação para a questão de Hong Kong.*

Meter no bolso também traz essa componente de “inferiorização”: uma entidade (objeto, evento, pessoa) que põe outra no bolso é fisicamente maior (retomando a estrutura cognitiva prototípica do evento de “meter”).

- d. [P940125-143](#): *Como não podia deixar de ser, tinha que nos presentear com uma canção latino-americana, e Adonde voy **mete no bolso as baladas de Gloria Estefan**.*
e. [P950223-024](#): *Assim aconteceu também com Portugal, que sobretudo nesses quinze minutos iniciais **meteu a Holanda no bolso**.*

Podemos observar que as restrições semânticas do sujeito e do objeto diluem-se nesse tipo de expressão, perde-se a intencionalidade do sujeito e é a relação entre este e o objeto que funciona como centro da predicação.

(20) METER [___] À/NA BOCA

Como já mencionamos anteriormente, “boca” é uma parte do corpo humano, bastante produtiva em termos de extensão semântica por processos metonímicos: pode representar o lugar pela qual a voz sai, sendo, portanto, o “centro” da fala, mas pode também representar o trato inicial do aparelho digestivo e, portanto, pode ser tomado também como esse significado. À medida que a abstratização aumenta, adquire novos traços.

Nos primeiros três exemplos, temos objetos que são inseridos na cavidade bucal, aproximado-se muito do significado prototípico do verbo “meter” como verbo pleno. Nas outras duas, acrescenta-se o subevento consequente de ingestão, que envolve “subprocessos” como mastigar, engolir, processar, entre outros.

- a. [P940107-065](#): *A existência de paredes degradadas nas habitações e com pinturas em mau 'tado é apontada como uma das principais causas da ingestão de quantidades daquele produto, visto que é normal as crianças gostarem de descascar a tinta das paredes e **meter pequenos pedaços na boca**.*
b. [P950802-034](#): *Por isso, uma parte importante da formação do ciclista é saber os momentos em que deve **meter comida ou água à boca**.*
c. [P940220-056](#): *A condutora argumentava que a água e os refrigerantes não embebedam, o guarda apresentava como prova os valores do balão, o comandante apoiava o subordinado e já falava em análises ao sangue a realizar no hospital, quando viu a senhora **meter à boca um chocolate**.*

Na acepção (d), temos um jogo de causatividade: reconhecemos que a “boca” aqui é o centro da fala, e quem profere os sons e as palavras, verbalizando o discurso, é o “possuidor” da boca, normalmente, o sujeito. Neste caso, procura-se tirar a intencionalidade deste sujeito e fazer com que ele seja “forçado” por uma terceira entidade (um terceiro participante da eventualidade) a falar. Temos dois subeventos causativos, sendo que o sujeito do primeiro tem o traço [+CONTROLE], o segundo não. Especificamente no exemplo (73e) não é Moisés a escolher suas palavras, mas uma entidade, como a Bíblia, cujo autor é quem vai fazer com que coisas sejam ditas.

- d. [P950608-006](#): *Quando a Bíblia **mete na boca de Moisés qualquer coisa como esta**, ela indica um itinerário, uma direção.*

(21) METER [___] NA CABEÇA

Meter algo na cabeça: fica claro que aqui, por metonímia, “cabeça” torna-se o centro do raciocínio e que se pode “meter” nela é qualquer coisa que possa ser processada como raciocínio, ou seja,

ideias, histórias. A estrutura sintática permite, dada essa abstratização, que o objeto/tema seja representado por uma oração encaixada, como podemos ver no exemplo (28b).

- a. [P940401-081](#): *Agora percebo que era já Berlusconi a tentar meter na cabeça das pessoas a ideia de uma 'Itália nova'*
- b. [P940306-023](#): *O PT tem que meter na cabeça que a tarefa de transformação da sociedade não é exclusiva de nenhum partido.*

(22) METER [___] NA GAVETA

A expressão a seguir, “meter na gaveta” como se pode observar pelos exemplos selecionados, pode ser interpretada como designando o evento prototípico:

- a. [P940208-093](#): *Aconteceu, em poemas mais longos, escrever o mesmo poema às prestações, em dias sucessivos: meter o papel na gaveta, sentindo que o poema ainda não acabou, e no dia seguinte sair naturalmente o resto...*

ou com uma extensão de sentido, em que o objeto da ação fica restrito a um evento ou tema que são passíveis de serem adiados, que é o significado da expressão como um todo:

- b. [P940408-081](#): *[...]a definição do relacionamento financeiro entre o Estado e as regiões, e a extinção do cargo de ministro da República, questão que os Açores meteram na gaveta.*
- c. [P941224-079](#): *Cavaco Silva [...] meteu na gaveta o projecto de regionalização do país.*

(23) METER [___] NO MAPA

Meter algo/alguém no mapa, embora se possa conceber uma ação em que isso aconteça literalmente, significa aqui, atribuir importância a algo ou alguém em um determinado cenário, dar destaque a algo ou alguém, naquela determinada área (informação que será dada tanto pelo objeto direto como pelo adjunto que especifica o tipo de “mapa”). É justamente o lexema que aparece como núcleo do Locativo o primeiro a sofrer uma extensão semântica rumo à abstratização, conseqüentemente todo a estrutura cognitiva também sofre alteração, mas sem esquecer que “mapa” é um nome concreto e que o significado da expressão pode ser depreendido do significado das suas partes.

[P951101-110](#): *P. -- Tem alguma ideia da actual situação da fotografia em Portugal? R. -- Andámos anos a tentar meter a fotografia no mapa.*

(24) METER [___] NOS TRILHOS

Assim como *meter no mapa*, *meter nos trilhos* parte de uma hipotética situação concreta para uma situação abstrata, estando as duas em ligação direta e, por isso, facilmente dedutível do evento concreto que lhe deu origem. O objeto direto será uma entidade, uma pessoa ou uma situação que necessita ser “reposta” no rumo certo, por isso, o paralelo com os trilhos de um trem: um trem descarrilhado não consegue andar, assim como, no caso do nosso exemplo, uma empresa fora do caminho certo não consegue evoluir.

[P940205-140](#): *E como a situação financeira da Sopete é, seguramente, ainda menos brilhante, o actual número um da empresa poveira, Joaquim Reis, tem dado voltas à cabeça para meter a empresa poveira nos trilhos.*

(25) METER [___] NO PREGO

Na expressão que segue, temos uma idiomatização (não conseguimos deduzir o significado global a partir do significado das partes) a não ser com uma bagagem cultural muito bem sedimentada e articulada. *Meter algo no prego* é penhorar algum objeto de valor (e essa já é uma restrição semântica do objeto direto). Embora seja possível, após saber o significado global da expressão, pensar em um passado em que o penhor envolve de fato um locativo com pregos, um falante estrangeiro, por exemplo, não necessariamente chega a esse significado a partir da soma dos significados dos seus componentes:

P950328-141: *Apesar de possuir agora poucos móveis em casa e de mais mês menos mês não sobrar nem uma colher de chá para meter no prego, a troca da loja de roupa de senhora pela Igreja do Tabernáculo foi a melhor coisa que me aconteceu na vida.*

(26) METER [___] NO AR

Meter no ar é uma expressão na qual: (i) o núcleo da predicação é, literalmente, um Locativo externo, justamente o oposto da construção inicial com Locativo com cavidade interna; (ii) além do mais, na expressão como um todo, “no ar” perde o seu significado prototípico, concreto, “idiomatizando” a construção, não obstante se possa, historicamente “resgatar” por dedução a origem da expressão; (iii) assim, o objeto direto fica restrito ao campo semântico das transmissões⁷ pelos principais meios de comunicação de massa, como a televisão e o rádio. Finalmente, a expressão inteira pode corresponder a “transmitir”, com a peculiaridade de que o que será transmitido e o meio de transmissão são informações já presentes na construção inteira.

a. P950802-057: *Esquecia-me de que existiam filmes de artes marciais tipo Kickboxer, com o Chuck Norris ou o Stallone, para meter no ar.*

(27) METER A PORRADA [EM___]

Expressão típica do PB, em *meter a porrada* é a única nesta variedade composta com um Nome eventivo. Como dissemos anteriormente, a grande diferença entre o PB e o PE é que o primeiro, por ter um verbo marcado pelo traço *Manner* na sua estrutura léxico-conceitual prototípica, não permite a formação de Construções com Verbo-Suporte. Embora aqui a expressão apareça com um Nome eventivo e funcione como um lexema único, não há *bleaching* no verbo, que continua carregando seus traços semânticos de *Manner* e [+agressividade]. O que defendemos aqui, portanto, é que o processo de formação da expressão *meter porrada* é diferente formação das expressões de (30) a (34) que analisaremos a seguir.

Sintaticamente a expressão *meter porrada* pode ser intransitiva ou apresentar um sintagma preposicional alvo.

a. F950421-130: *Não quero isso para mim, mas minha revolta maior é com os policiais que metem a porrada e fazem o pessoal virar bandido, conta.*

b. F941120-095: *Diziam à diretoria que queriam meter porrada nos corintianos que, sem serem filiados, usa camisas da Gaviões.*

3.2 “METER” como verbo-suporte

O que acontece quando “meter” se torna verbo-suporte? Ou melhor, como é que “meter” se torna verbo-suporte? O verbo objeto do nosso estudo, como vimos na seção 4.2, a partir do momento que ele, como pleno, denota eventualidades diferentes, ativando traços semânticos distintos e, portanto, sendo classificado de maneira diferente no PB e no PE, quando servir de base para a formação de expressões fixas e semifixas, entre elas as construções com verbo-suporte, contribuirá semanticamente também de maneira distinta, como era de se esperar.

Pelos dados encontrados, o PE é altamente produtivo para a formação de construções com verbo-suporte, enquanto o PB parece evitar esse tipo de formação lexical. Isso porque no PE ele não é marcado semanticamente com o traço *manner* que, como vimos, se lexicaliza no PB, impedindo que ele se “enfraqueça” semanticamente na formação de CVSup. O que não quer dizer que o PB não forme expressões em que o verbo não seja pleno, assim acontece, mas o processo não será esvaziamento semântico + deslocamento da predicação para o nome (normalmente eventivo): a combinação verbo + argumento interno, neste caso, passará a designar uma nova eventualidade por metáfora e/ou metonímia, a partir da significação primeira, por extensão semântica ou do verbo sozinho (quando ele se combina com substantivos abstratos) ou do verbo + sintagma nominal-argumento interno ou do verbo + locativo ou dos dois.

⁷ O objeto será obrigatoriamente algo que possa ser transmitido pela mídia eletrônica.

Portanto, dentre as construções que sofrem Extensão Semântica, consideramos que só algumas constituem Construções com Verbo-Suporte, já que estas exigem um deslocamento da predicação, bem como um substantivo eventivo e que tenha, preferivelmente, um verbo correspondente com a mesma base lexical, como veremos adiante:

(28) METER CONVERSA (COM [___])

Expressão composta com um nome eventivo na posição do objeto direto, fazendo com que a expressão inteira denote uma ação, aproximando esse tipo de construção das Construções com Verbo-suporte (CVSup): a predicação desloca-se do verbo para o nome e toda a estrutura denota um evento no mundo que poderia ser substituída por um verbo (o qual pode ter a mesma base lexical deste nome). O Locativo desaparece tornando a expressão intransitiva ou a expressão pode aparecer com um sintagma preposicional introduzido por “com”, marcando o alvo do discurso ou da situação comunicativa.

a. [P940216-092](#): *Um dia, num piquenique, Jerry e um amigo metem conversa com duas ciclistas adolescentes [...]*

(29) METER MUDANÇA (DE [___])

Meter mudança é uma expressão parecida com a anterior, mas com um sintagma preposicional introduzido por “de” que especifica o tipo de mudança, aquilo que sofreu a mudança. Já o sujeito é Agente e Desencadeador da ação.

a. [P940427-136](#): *Ter chegado onde chegou é, já de si, um feito importante para o clube de Pinto da Costa, mais a mais numa época atribulada que até meteu mudança de treinador.*

(30) METER TRAVÃO

Típica do PE, *meter travão* relaciona-se com “travar”, no Português do Brasil não temos o verbo com a mesma base lexical, mas “frear”, já que não é comum o uso do verbo “travar” neste sentido. A expressão é intransitiva e o nome virá sempre no plural, dando-lhe uma fixidez formal, embora não haja propriamente fixidez do ponto de vista semântico⁸.

[P940723-137](#): *O táxi mete travões e o motorista grita*

(31) METER [___] EM ACÇÃO

Meter algo em ação relaciona-se com “acionar”:

[P951115-063](#): *O disc-jockey abriu com a música de Vangelis, ao mesmo tempo que metia em acção o sofisticado movimento de luzes.*

(32) METER [___] EM PAUSA

Meter em pausa corresponde a “pausar”:

[P950216-081](#): *Rebobinar vida, meter o tempo em pausa.*

4. Considerações finais

Recapitulando: no presente trabalho os critérios usados para a análise da estrutura das CVSup são: (i) Funcionamento da expressão como um lexema único; (ii) combinação do verbo com um N eventivo/abstrato; (iii) transferência da centralidade predicativa para o N; (iv) perda de capacidade de atribuição de papel temático.

(33) *O João deu uma contribuição para o debate.*

⁸ Como vimos em 4.2.2, as expressões que se formam já com eventivos e abstratos, não sofrem extensão semântica nem mudança de domínio.

A possibilidade de uma dupla leitura, uma como construção composicional e uma como construção semifixa não será possível com as CVSup, já que a sua constituição não é derivada de uma original referencial, obtida em decorrência de uma recategorização cognitiva. As expressões semifixas, por serem compostas a partir de uma mudança de domínios de uma expressão transparente e composicional para outra em vias de idiomatização, permite uma dupla leitura, dando margem, em alguns casos, à ambiguidade.

(34) *No cinema, Eduardo **passou a perna** na minha e eu me aborreci.*

(35) *Marcelo **passou a perna** na família inteira.*

A diferença entre as CVSup e os verbos das expressões semifixas está, portanto, no fato de: (i) o verbo se combinar com N concreto que se abstratiza por metáfora/metonímia; (ii) a centralidade predicativa é transferida para a expressão, em decorrência da fixação e do processo de metáfora/metonímia; (iii) as expressões semifixas mantêm a estrutura argumental do verbo e os papéis continuam sendo atribuídos por ele.

A grande distinção entre PE e PB é que o primeiro é a única variedade a permitir a formação de CVSup com o verbo “meter”, isso porque, como o verbo original é neutro e não-marcado do ponto de vista semântico, ele sofre *bleaching*, permitindo a formação de expressões em que não dá contribuições significativas à predicação. O PB, por apresentar, na sua estrutura cognitiva original, o traço *Manner*, bloqueia essa possibilidade, tendo sempre uma marca semântica mais forte, tentando mais à formação de expressões semifixas que sofrem metáfora/metonímia *a posteriori*, não sendo o verbo produtivo como no PE para a formação de CVSup.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHAYDE, Maria Francisca. *A estrutura semântica das construções com verbo-suporte preposicionadas do português e do alemão*. Tese de doutoramento. Coimbra, 2000.

ATHAYDE, Maria Francisca. *Nomes predicativos em português e alemão: os nomes predicativos em construções com verbo-suporte preposicionadas do português e do alemão*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos: Minerva, 2005.

BOSQUE, Ignacio. El nombre común. In: DEMONTE, Violeta ; BOSQUE, Ignacio (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 1, Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2000, p. 3-75.

CANÇADO, Márcia. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MÜLLER, Ana Lúcia, et alii (orgs). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003.

CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

EMONDS, J.E. *Subcategorization and syntax-based theta-role assignment*. Natural Language and Linguistic Theory 9. Massachusetts: MIT Press, 1991, p. 369-429.

IRIARTE SANROMÁN, Álvaro. *A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasesmas, Pragmatemas*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos - Universidade do Minho, 2001.

JACKENDOFF, R. *The Status of Thematic Relations in Linguistic Theory*. Linguistic Inquiry 18. Massachusetts: MIT Press, 1987, p. 369-411.

JACKENDOFF, R., *On the role of conceptual structure in argument selection: A reply to Emonds*. Natural Language and Linguistic Theory 11. , 1993, p. 279-312.

DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem das palavras. In: MATEUS, Maria Helena Mira. et alii. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 275-321.

MORIMOTO, Yuko. *Los verbos de movimiento*. Madrid: Visor Libros, 2000.

NEVES, Maria Helena M. Estudo da estrutura argumental dos nomes. In: Kato, M. (org.) *Gramática do Português Falado*. V. 5: Convergências. Campinas: Editora da UNICAMP/São Paulo: FAPESP, 1996, p.119-154.

PARSONS, Terence. *Events in the Semantics of English*. Cambridge: MIT Press, 1991.

PLAZA, Alberto Bustos. *Combinaciones verbonominales y lexicalización*. Frankfurt: Peter Lang, 2005.

RIO-TORTO, Graça; ANASTÁCIO, Conceição, *Estrutura e interpretação dos nomes de predicativos em português*. In: Rio-Torto, Graça (coord.). *Verbos e nomes em português*. Coimbra, Livraria Almedina, 2004.

SCHER, Ana Paula. Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve? In: MÜLLER, Ana Lúcia, NEGRÃO, Esmeralda V; FOLTRAN, Maria José (orgs.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003.

TALMY, L. Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. In T. Shopen (ed.), *Language Typology and Syntactic Description*, Vol.3: Grammatical Categories and the Lexicon, 57-149. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

TEIXEIRA, José de Sousa, VIR, VOLTAR, CHEGAR: espacialidade e ponto de referência in *Diacrítica*, nº10. Braga: Universidade do Minho, 1995.

VILELA, Mário. *Metáforas do nosso Tempo*, Coimbra, Almedina, 2002.

ZULUAGA, Alberto. *Los “enlaces frecuentes” de María Moliner: Observaciones sobre las llamadas colocaciones*, 2002. Disponível em: <http://web.fu-berlin.de/phin/phin22/p22t3.htm>. Acesso em: 23 jun. 2008.